

NÃO PINTCHA

* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AV. DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFS.: 3713/3726/3728 — BISSAU

UM MARCO HISTÓRICO NO CAMINHO DA UNIDADE

PRESIDENTE LUIZ CABRAL VISITA CABO VERDE



Presidente Aristides Pereira e Luiz Cabral: Unidade no quadro do glorioso P.A.I.G.C.

Numa viagem de unidade, o Presidente do Conselho de Estado da República da Guiné-Bissau, camarada Luiz Cabral, inicia hoje uma visita a Cabo Verde, durante a qual serão estreitados ainda mais os laços fraternais de amizade e cooperação existentes entre os dois países irmãos.

Trata-se da primeira visita a Cabo Verde do Presidente Luiz Cabral, que será recebido na Praia pelo Presidente Aristides Pereira, Secretário-Geral do P.A.I.G.C.. Esta viagem foi precedida, desde da independência do país irmão, por numerosas visitas a Bissau e à Praia de delegações governamentais guineenses e caboverdianas, dos mais diversos sectores. Recentemente, o Comissário Principal da Guiné-Bissau, camarada Francisco Mendes, e o Primeiro-Ministro de Cabo Verde, camarada Pedro Pires, assinaram na cidade da Praia, um documento que serve de base às fraternais relações de cooperação entre as duas Repúblicas.

lho de Estado, Constantino Teixeira, do C.E.L. e Comissário da Segurança Nacional e Ordem Pública, Victor Saúde Maria, membro do C.E.L. e Comissário dos Negócios Estrangeiros, António Borges, do C.S.L. e Presidente do Comité de Estado da Região do Oio, Julião Lopes, do C.S.L. e comandante da Marinha, Bacar Cassamá, do C.S.L. e membro do Conselho de Estado, e altos funcionários e elementos das Casas Militar e Civil da Presidência.

O PESO É A UNIDADE MONETÁRIA NACIONAL

TERMIMAM HOJE AS OPERAÇÕES DE TROCA

- MENSAGEM DO PRESIDENTE SEKOU TOURÉ
- REACÇÃO DO GOVERNO DE PORTUGAL

Em todo o País, terminam hoje às 18 horas as operações de troca das notas do B.N.U. expressas em escudos, pelas notas do B.N.G., expressas em pesos. As operações tiveram início no domingo passado, um dia depois do Presidente Luiz Cabral ter anunciado a histórica decisão do Conselho de Estado de fazer cessar as actividades do Banco Nacional Ultramarino na nossa terra e de colocar em circulação as notas de peso, a unidade monetária nacional.

Desde terça-feira passada que as notas expressas em escudos já não têm curso legal e poder liberatório, quer dizer, na Guiné-

Bissau apenas têm valor as notas expressas em pesos! As moedas antigas, no entanto, continuam a circular.

Nos dois primeiros dias das operações de troca — domingo e segunda-feira —, na cidade de Bissau e arredores, a população ocorreu em grande número aos postos montados, com toda a eficiência, pelas autoridades. No entanto, apesar da grande afluência de gente, tudo decorreu com a maior normalidade: as pessoas entregavam as notas de escudos, por vezes com vestígios ainda de terra ou naftalina (!), e recebiam as novas notas de pesos. A reacção era, de uma maneira geral, a mesma: de profunda alegria, por já termos o nosso dinheiro, as nossas notas, com as gravuras de três heróis nacionais!

Depois da grande afluência de pessoas, no domingo e segunda-feira, a situação alterou-se: anteontem e ontem, já não se viram as bichas defronte dos pos-

tos de troca, o movimento abrandou consideravelmente, o que levou os responsáveis a encerrar, ontem, alguns dos postos de troca.

«Tudo corre normalmente», foi a resposta que a nossa reportagem ouviu em todos os locais de troca da cidade de Bissau. O mesmo acontece no interior do País, para onde foi necessário enviar um reforço de fundos, por via aérea, para alguns locais.

É impossível, por enquanto, fazer uma estimativa, mas foram largas dezenas de milhar de contos trocados, até ontem à tarde, em Bissau. O posto que trocou um total mais elevado foi o da Administração Interna, com cerca de 7 mil contos. Na sede do Banco, o movimento foi, segundo apurou a nossa reportagem, de mais de 50 mil contos. Ali, no Banco, eram identificados todos os que pretendiam trocar quantias superiores a 20 mil escudos.

(Continua na página 2)

P. A. I. G. C. — P. C. U. S.

Francisco Mendes na União Soviética

O camarada Francisco Mendes, Comissário Principal, foi recebido na passada terça-feira pelo camarada Iuan Arkhipov, vice-presidente do Conselho de Ministros da União Soviética.

O camarada Chico Té deslocou-se a Moscovo para participar no XXV Congresso do P.C.U.S., que tem estado a decorrer naquela capital. Entretanto, tem mantido contactos com as autoridades daquele país, no âmbito da amizade que liga os dois povos e Partidos desde os primeiros tempos da nossa luta de libertação nacional.

Fechadas as fronteiras de Moçambique com a Rodésia

● VER PÁGINA 7 e 8

MENSAGEM DE VALENTINA TERECHKOVA

A camarada Valentina Nikolazua Terechkova, deputada do Soviete Supremo da URSS, presidente do Comité das Mulheres Soviéticas e a primeira e única mulher cosmonauta do mundo, enviou em nome do CMS e em seu nome pessoal, uma mensagem endereçada à camarada Lucette Cabral, por motivo da próxima celebração do 8 de Março, Dia Internacional da Mulher: «Saúdo-vos por ocasião do 8 de Março, Dia de solidariedade internacional das mulheres na luta pela paz, independência nacional, igualdade de direitos e felicidade das crianças», diz a mensagem.

Terminam hoje as operações de troca de notas

(Continuação da 1.ª página)

MENSAGEM DE SEKOU TOURÉ

O Presidente Sekou Touré, Secretário-Geral do Partido Democrático da Guiné, enviou o seguinte telegrama ao camarada Presidente Luiz Cabral:

«O Comité Central do PDG e o Governo Revolucionário, em nome do povo militante da Guiné, endereçam-vos, a vós pessoalmente, ao Partido, ao Governo e ao valente povo da Guiné-Bissau, as suas vivas felicitações pelo lançamento da moeda nacional do vosso país».

«A libertação política, devendo prolongar-se na libertação económica e cultural do povo, requer que cada nação libertada da dominação estrangeira forge os instrumentos do seu progresso independente».

«As massas trabalhadoras do país, devem apoiar a moeda na-

cional com um trabalho obstinado, com uma produção constantemente aumentada de bens materiais, garantindo solidamente o poder de compra da moeda, e também pela observação de uma disciplina económica e financeira, salvaguardando os interesses do povo. Expressamos o nosso desejo de que o povo inteiro, com consciência e vigilância, defenda a sua moeda, que deverá progressivamente ajudá-lo no desenvolvimento da sua economia nacional e o aumento contínuo do seu nível de vida».

«A nova moeda é uma arma de libertação económica».

«Viva o progresso democrático e social que é o objectivo essencial da sua criação!».

OS SABOTADORES

«Não reconhecemos a nenhum indivíduo africano o direito de trabalhar na nossa terra procurando tirar tudo quanto pode,

sem dar o mínimo de contribuição para o progresso e bem-estar do nosso povo na Guiné e, pelo contrário, procurando prejudicar o nosso povo. Isso, não aceitaremos nunca!», salientou o camarada Presidente Luiz Cabral, na tarde histórica de 28 de Fevereiro.

Infelizmente, houve gente que não entendeu isto e que prefere continuar a sua acção de sabotagem contra a nossa economia. Já tínhamos denunciado estes actos indignos, que são do conhecimento generalizado, na nossa última edição: indivíduos conhecidos por «nars», em vez de irem trocar o seu dinheiro nos postos ou no Banco, preferiram comprar grandes quantidades de géneros (gravadores, cigarros, bebidas, tudo!), com o objectivo de, dentro de um mês ou dois, venderem duas ou três vezes mais caro! No entanto, graças à vigilância de irmãos nossos — um exemplo a seguir, camaradas! — a manobra falhou e as autoridades tomaram conta da ocorrência.

Com o fim das operações de trocas, terminam também as medidas especiais de segurança montadas, ao longo das fronteiras, nos portos e aeroportos, nas cidades, em toda a parte, pelos nossos camaradas das FARP e do CSNOP, para evitar a entrada e saída de dinheiro. No entanto, cada militante do Partido, cada patriota, cada cidadão, deve continuar vigilante contra todas as manobras dos inimigos do nosso povo e do PAIGC que tentarão continuar os seus actos de sabotagem, visando impedir que avancemos no caminho do progresso e da liberdade, em paz.

REACÇÃO PREVISÍVEL DO GOVERNO PORTUGUÊS

Revela a agência ANOP, de Lisboa, que o Governo Português «resolveu dar instruções ao Banco de Portugal e ao Banco Nacional Ultramarino no sentido de imobilizar os saldos das contas de disponibilidades monetárias» do nosso país.

É curioso notar que, segundo a ANOP, através de uma nota do gabinete do Primeiro-Ministro, o Governo Português «reconhece o direito soberano da República da Guiné-Bissau de controlar a sua emissão de moeda».

Por outro lado, embora considerando que a decisão do Governo da Guiné-Bissau «viola» todas as posições que o Governo Português tem assumido no decorrer das conversações, a mesma nota salienta que Portugal está aberto à continuação das conversações, para a resolução deste problema.

As fontes oficiais do nosso país não fizeram qualquer comentário à reacção do Governo Português. No entanto, meios próximos do B.N.G. notam que esta reacção do actual Governo Português era previsível e que foram tomadas, a tempo, as medidas necessárias para que ela não afecte a vida do País.

RESPONDE O POVO

Costuma ir às reuniões do seu Bairro?

Participar nas actividades dos bairros, e particularmente nas reuniões dos comités, é uma forma de mostrar que se está empenhado na resolução dos problemas colectivos e que não se fica tranquilamente à espera que os outros decidam por nós. Esta forma de consciência e de acção política é absolutamente indispensável num momento em que todos somos mobilizados para as tarefas da reconstrução nacional. O camarada costuma participar nas actividades do seu bairro?

ZAGAIA SEBASTIÃO

«Nem sempre vou às reuniões, devido à falta de tempo. Mas quando uma pessoa vai a uma reunião, tem um certo objectivo: participar na discussão e resolução de certos problemas comuns dos nossos bairros e do país inteiro. Através das reuniões, as pessoas ficam a saber quais as actividades a efectuar de imediato e como reforçar a vigilância. É uma coisa nova na nossa sociedade. Anteriormente os cipaios costumavam concentrar as populações, sem lhes explicar porquê. Era só cumprir as ordens, e mais nada».

Acho que as manifestações são também muito úteis, na medida em que a gente passa a saber coisas que não foram explicadas nos bairros».

ARISTIDES V. BARBOSA
(Inspector Escolar das FARP)

«Muitas vezes tenho assistido e participado em reuniões, na região de Tombali. São muito necessárias, sobretudo nas cidades, onde muita gente ainda não está devidamente descolonizada mentalmente. É preciso fazer reuniões nos bairros com mais frequência, a fim de todos nós entrarmos na tarefa de reconstrução nacional».

Pouco se tem falado sobre a alfabetização nas reuniões da minha zona, na Região Sul, tenho conhecimento de que é uma coisa muito fomentada aqui em Bissau, mas é que as pessoas não dedicam muito interesse. Apesar de a maioria que se pretende alfabetizar ser constituída por velhos, isso não os impede de se esforçarem para aprender qualquer coisa».

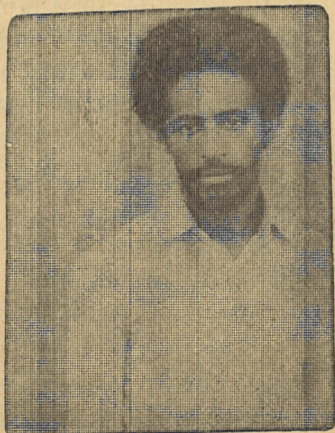
ANTÓNIO G. BARBOSA
(Tipógrafo em Bolama)

«Costumo participar nas reuniões do Partido

que se fazem semanalmente em Bolama. Só depois de um grupo de homens estar concentrado a discutir vários problemas, é que se conhecem as ideias de cada um».

«Nesta fase em que nos encontramos, as reuniões contribuem bastante para a consciencialização das massas, tanto política como social. Ultimamente o tema que mais tem sido debatido nas reuniões a que assisto insere-se na saúde e na higiene. Neste aspecto, as reuniões servem para nos ensinar muita coisa».

«Esteja onde estiver, gosto sempre de assistir os comícios e manifestações dos feriados nacionais. Este é um facto que costuma ser assinalado nos comícios: não tomar os feriados como simples dias de descanso em casa. Para isso não seriam necessários os feriados, pois já temos os domingos».



NO PINTCHA

Orgão do Commissariado de Estado de Informação e Turismo
Trisemanário Nacional de Informação

Sai às Terças, Quintas e Sábados

Preço: 2\$50

Redacção, Administração e Oficinas: Avenida do Brasil

TELEFONES

Redacção: 3713/3728

Administração

e Publicidade: 3726

ASSINATURAS (Via Aérea)

Guiné-Bissau e Cabo Verde

1 ano 400\$00

6 meses 250\$00

Outros Países Africanos

e Portugal

1 ano 500\$00

6 meses 300\$00

Serviços de Distribuição

e Vendas do «NO PINTCHA»

— Caixa Postal, 154

BISSAU — GUINÉ-BISSAU

FARMÁCIAS

HOJE — «MODERNA» — Rua 12 de Setembro, telefone 2702.

AMANHÃ — «CENTRAL» — Rua Vitorino Costa, telefone 2453.

TELEFONES

Hospital Simão Mendes:

Banco — 2866/2867

Bombeiros — 2222

Polícia:

1.ª Esquadra — 3333

2.ª Esquadra — 3444

Correios:

Informações — 2600

Radiodifusão Nacional — 2430

Aeroporto — 3001/4 (TAG-B)

TAP — 3991/3

Serviços Municipalizados:

Água e Electricidade — 2411

(das 7 às 17 horas)

Assistência à rede eléctrica — 2414

(das 16 às 24 horas)

Chegadas e partidas de navios — 2922/5

RÁDIO

EMISSIONES:

Das 6 às 8; das 12 às 15 e das 17 às 24 horas.

NOTICIÁRIOS:

As 7, 13, 15, 17, 20 e 21 horas.

AGENDA DO DIA:

As 18,45 horas.

CINEMA

HOJE — Às 18,30 horas — «A ARMADILHA PARA UM FORAGIDO»

— m/12 anos e às 20,45 horas —

«ANTÓNIO E CLEÓPATRA» —

m/13 anos.

AMANHÃ — Às 20,45 horas —

«ANTÓNIO E CLEÓPATRA» —

m/13 anos.

ASSINADO UM ACORDO AÉREO COM A U.R.S.S.

MOSCOVO (TASS) — Depois de ter assinado um acordo sobre as comunicações aéreas bilaterais, o ministro dos Transportes da República de Cabo Verde, camarada Herculano Vieira, declarou ao correspondente da Tass que «a inauguração de uma linha aérea directa com Moscovo, favorecerá a aproximação dos nossos povos e países».

O documento foi igualmente assinado pelo camarada Serguei Pavlov, vice-ministro da Aviação Civil da URSS.

«Espero, disse o camarada Herculano Vieira, que este acordo seja seguida de vários outros, respeitantes ao estabelecimento das relações económicas, políticas e culturais entre a nossa jovem República e a União Soviética».

O camarada Herculano Vieira, chefia a delegação da República de Cabo Verde convidada a assistir ao 25.º Congresso do PCUS. «É significativo, declarou, que o acordo sobre a inauguração da nova linha, tenha sido assinado durante o «forum» histórico que inaugura uma nova etapa na cooperação de países de regimes diferentes».

O Primeiro-Ministro assistiu a uma palestra de Paulo Freire

Realizou-se no passado sábado, no Liceu Domingos Ramos, na cidade da Praia, uma palestra orientada pelo professor Paulo Freire e a sua equipa, na qual participou o camarada Pedro Pires, Primeiro-Ministro da República irmã de Cabo Verde.

A sessão, que se destinava a tratar do tema «Problemas de Educação», foi aberta pelo camarada Carlos Reis, ministro da Educação, Cultura, Juventude e Desportos daquele país que, em breves palavras, mostrou o alto significado de que se reveste a presença do pedagogo brasileiro, Paulo Freire e, fez uma referência especial à presença do camarada Pedro Pires na sessão.

Usando da palavra, o camarada Paulo Freire afirmou ser de todo o interesse a troca de pontos de vista entre os presentes, após a apresentação de «slides» sobre o trabalho já realizado pela sua equipa naquele país.

Com efeito, após a projecção dos «slides», seguiu-se um animado debate.

O camarada Pedro Pires, a pedido do ministro da Educação, encerrou a sessão, salientando a grande necessidade de se conseguir maior participação dos presentes, principalmente dos professores, na discussão de um tema tão importante como a Educação.

Finalmente, falou na importância do trabalho na Educação e da necessidade de interligação da actividade intelectual com o manual.

O camarada Paulo Freire e a sua equipa seguiram na terça-feira para a ilha de S. Vicente.

À chegada, receberam cumprimentos do director nacional da Educação, camarada Augusto da Costa, e das comissões de Alfabetização que ali prestam serviço.

Na tarde do mesmo dia, o camarada Paulo Freire teve uma reunião com os alfabetizadores, na qual esteve presente o camarada Augusto Costa.

Trabalho voluntário

Iniciaram na passada segunda-feira, em S. Domingos, no concelho da Praia, os trabalhos de limpeza do terreno para a construção do Centro Social da freguesia.

Várias dezenas de pessoas participaram neste primeiro dia de trabalho voluntário, animadas pelo espírito de que a reconstrução nacional deve ser obra do povo e ao serviço do povo.

Entretanto, por iniciativa do Comité da zona e da Comissão da Acção Social, realizou-se na passada semana uma importante campanha de limpeza na povoação de Cabeça dos Tarrafes, em Boavista.

Esta jornada, que faz parte da campanha de trabalho voluntário que se está a realizar em toda a ilha, foi prontamente aceite pelos habitantes da zona.



Amílcar
Cabral

A história da escravatura

Dão-lhe comida, têm filhos, mas todos os filhos são criados daquele mesmo homem «grande». Os filhos dos filhos deles são sempre criados. Isso chama-se escravatura. Então para nós africanos, com a nossa ideia de escravatura, estávamos abertos para arranjar escravos para outra gente.»

«Nesse momento, a América tinha sido descoberta e algum tempo depois começou a ser colonizada. O Brasil, na América do Sul, ilhas como Cuba, Jamaica, as chamadas Índias Ocidentais, alguns países da América Latina, sobretudo na América Central, e, como disse a América do Norte, colonizada pelos Ingleses. No Brasil e na parte Sul da América do Norte onde o clima é um bocado duro, ainda muito atrasado, a agricultura tomou um caminho de trabalho sério, e os europeus que saíram da Europa para irem colonizar eram muito finos, porque saíram da Europa expulsos, perseguidos por causa da religião, por causa da luta de classe na Europa. Então, esses, não queriam pegar na enxada para lavrar o chão, e saíram pelo mundo à procura de gente para lavrar para eles. A África era um campo aberto para isso, porque havia escravatura em África, os africanos estavam habituados a comprar e a vender escravos. E então, os tucas, navegadores do mar Atlântico, outros como os franceses, holandeses, etc., acostumados à pirataria que faziam no mar, passaram, em vez de fazer pirataria, em vez de roubar no mar ou em terra, passaram a comprar ou a caçar escravos em África, para venderem na América ou no Novo Mundo. Novo tipo de comércio começou: a escravatura.»

«Levou bastante tempo a escravatura, durante o qual mais de cem milhões de africanos foram vendidos através do mundo, mas dos quais uma grande parte, segundo investigações, morreu no meio do mar, ou por fraqueza, ou em naufrágios. Os homens e mulheres da África, foram levados para vários pontos do mundo, sobretudo para a América.»

«Passado esse tempo todo, começaram as rixas entre ingleses por um lado com alguns outros países da Europa também, e a América por outro lado, por causa da concorrência económica. Porque a América levantava-se numa base de facilidades, que era o trabalho escravo, enquanto que na Inglaterra, por exemplo não tinha escravos, era preciso pagar salário no duro. Então surgiu na Inglaterra, não como um sentimento de humanidade, mas como necessidade económica para combater o avanço do desenvolvimento da América, a ideia de acabar com a escravatura.»

«Foram lançadas grandes teorias de que a escravatura era um crime contra a humanidade. É verdade, é um crime, mas há muito tempo que era crime.»

«É preciso acabar com a escravatura, grande propaganda, reuniões internacionais, etc, até que se chegou ao ponto em que a escravatura foi proibida. Mas Portugal, já também teimoso naquele tempo foi durante bastante tempo continuando com o seu negócio de escravatura, com um bom armazém de escravo nas Ilhas de Cabo Verde, no Oceano Atlântico. Outros eram levados para Portugal. Em Portugal ainda há sítios que têm o nome de negro porque havia lá muitos escravos. Há por exemplo, o Poço dos Negros porque havia aí muitos negros guardados como escravos e que depois do fim da escravatura, ficaram livres, continuando em Portugal. Mesmo no Alentejo, há uma aldeia, onde há muitas pessoas mulatas, descendentes dos africanos que o Marquês de Pombal mandou aí, para povoar o Alentejo.»

«Combatendo a escravatura na Europa, as ideias de liberdade de escravos avançou na América e a escravatura foi proibida no mundo.»

○ PAÍS

Pecixe

Cinco mortos num incêndio

Uma criança, sobrevivente de um incêndio ocorrido em Pecixe (na tabanca de Ocante), na região de Cacheu, provavelmente no dia 30 de Janeiro passado, encontra-se actualmente a receber tratamento no Hospital Simão Mendes, em Bissau.

Acordo Comercial com a Hungria

Segundo uma notícia divulgada pela agência France-Press, a Guiné-Bissau e a Hungria acabam de assinar um acordo comercial.

Pela parte guineense, o acordo foi assinado pelo camarada Armando Ramos, Comissário de Estado do Comércio e Artesanato, que se encontra naquele país, de onde deverá regressar nos próximos dias.

O incêndio, que foi provocado por um pau de lenha encandescido, lançado sobre um «crintim» (espécie de tapete tecido de taras, com que cercam as palhotas), provocou cinco mortos, dos quais três crianças e duas mulheres, estas morreram queimadas depois de tentarem salvar em vão as pobres crianças cercadas pelo fogo, segundo informação fornecida telefonicamente pelo Comité de Estado da região de Cacheu.

Anteriormente, no dia 12 de Janeiro, já se tinha verificado um outro incêndio na povoação de Murcunda, em Cantchungo, que fez perder a vida a duas mulheres e um homem. Este incêndio foi originado pela explosão de um bidão de gasolina, no momento em que uma das mulheres, com um feixe de lenha a arder nas mãos, tentava repelir as formigas que invadiram a casa.

JUSTIÇA: TERMINARAM CONVERSÇÕES

Terminaram ontem em Bissau as conversações entre delegações do nosso país e da República irmã de Cabo Verde, no domínio da Justiça. Espera-se a divulgação, hoje, de um comunicado conjunto, sobre a forma como decorreram os trabalhos.

As delegações, eram dirigidas pelos camaradas Fidélio de Almada, membro do CSL e Comissário de Estado de Justiça da Guiné-Bissau, e David Hoppfer de Almada, Ministro da Justiça de Cabo Verde. A delegação caboverdiana, que chegara a Bissau na passada quinta-feira, foi recebida a noite passada pelo camarada Presidente Luiz Cabral.

A CRIAÇÃO DA SOCIEDADE AFRICANA DE RESSEGUROS "AFRICARE"

A Guiné-Bissau é um dos países que assinaram o acordo de criação da «AFRICARE», Sociedade Africana de Resseguros, na Conferência dos Plenipotenciários realizada nos dias 23 e 24 de Fevereiro em Yaounde, capital dos Camarões.

O nosso País foi representado nesta reunião pela camarada Maria Luisa dos Santos, directora-geral do Orçamento e Tesouro, do Comissariado de Estado das Finanças, que ali se deslocou com plenos poderes.

No regresso da sua viagem, a camarada Maria Luisa dos Santos descreveu-nos as diligências efectuadas, desde há quase 3 anos, para a criação da «AFRICARE» e revela-nos a importância desta instituição seguradora no desenvolvimento económico dos países participantes e na intensificação da solidariedade africana.

«Foi em Maio de 1973 que, por proposta do BAD (Banco Africano de Desenvolvimento) para a criação de uma sociedade africana de resseguros à escala continental, a Conferência Ministerial Africana sobre o Comércio, o Desenvolvimento e as Questões Monetárias», reunida em Abidjan, recomendou a realização dessa sociedade, recomendando essa que foi retomada a seguir pelos Chefes de Estado ou de Governo dos países da OUA na sua declaração sobre a cooperação, o desenvolvimento e a independência económica.»

«Em Março de 1974 houve em Abidjan uma reunião preparatória, sob a égide do BAD, com peritos vindos de 21 países africanos, tendo sido então formuladas recomendações quanto às funções e à organização da sociedade e constituído um Comité de Coordenação, encarregado de elaborar o projecto de acordo da criação da sociedade, projecto esse que foi distribuído a todos os membros da OUA, em Julho do ano passado, para discussão.»

«Com base nesse projecto, e nas recomendações feitas pelos países, foi elaborado o texto final do Acordo submetido à Conferência para assinatura.»

«A Conferência foi dirigida por um «Bureau», presidido pelos Camarões e composto de mais os seguintes países: Libéria, Mauritânia, Costa do Marfim, Somália e Ilhas Maurícias, estas em substituição da Tanzânia.

Um dos artigos do Acordo deveria indicar em que país a AFRICARE teria a sua sede. Depois de 2 anos de discussão não se tinha chegado a um entendimento.»

«Em Janeiro de 1975 foram apresentadas ao Comité de Coordenação 15 candidaturas

e na altura da abertura da Conferência 7 países tinham confirmado concordarem sem reservas com o projecto de acordo que o país que abrigaria a sede deveria assinar com a AFRICARE. Esses países eram: Argélia, Egipto, Quênia, Marrocos, Nigéria, Sudão e Zaire a eles se juntou o Tchad.

«Feito um apelo aos países candidatos para que se consentassem e reduzissem o número de candidaturas, ficaram em causa o Quênia, Marrocos e a Nigéria, porque os outros países foram sucessivamente desistindo, invocando a solidariedade africana.»

«Com 2 escrutínios foi escolhida a Nigéria com 18 votos contra 14, para Marrocos.»

«Intervimos antes de se passar à assinatura do acordo, porque considerámos que desde a criação da sociedade deveriam ser dadas a Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Moçambique e Angola possibilidades de serem contados para a repartição inicial do capital e desse modo poderiam participar na eleição dos membros do 1.º Conselho de Administração da sociedade. Aqueles países não tinham sido considerados porque, ao tempo da elaboração do projecto, não eram ainda membros da OUA.»

«A nossa posição foi compreendida e apreciada, tendo-se o «Bureau» comprometido a renovar os contactos com aqueles países para esse fim.»

«Outros países, depois de nós, apresentaram as suas reservas quanto a essa mesma repartição do capital inicial, que tinha sido proposta no acordo, e quanto ao modo de eleição dos administradores, tendo sido tomada a resolução de que aqueles pontos do acordo, que era assinado, ficavam sujeitos a revisão.»

«Seguem-se agora as fases de ratificação do acordo e de subscrição e realização do capital, de forma a que a «AFRICARE» comece as suas operações em 1 de Janeiro de 1977.»

«Estiveram presentes 32 países representados por 80 delegados, 6 representantes do BAD e representantes de várias organizações internacionais africanas e do Banco Mundial.»

«O objectivo da AFRICARE é: «promover o desenvolvimento das actividades nacionais de seguros nos países africanos, e favorecer o crescimento das capacidades de subscrição e de retenção nacionais, regionais e sub-regionais, para apoiar o desenvolvimento económico do continente africano». A «AFRICARE» propõe-se participar activamente na criação e no fun-



A visita à Gâmbia do Presidente Luiz Cabral, na passada semana, constituiu um êxito em todos os aspectos. A par do caloroso acolhimento prestado pelo Presidente da República da Gâmbia, Sir Dawda Jawara, e para além das perspectivas de cooperação que resultaram deste encontro, a nossa delegação foi alvo de grandiosas manifestações populares por todo o lado onde passou, numa demonstração da profunda amizade que liga os povos gambiano e guineense.

Na nossa edição anterior, proporcionámos aos nossos leitores um balanço da visita, feito pelo camarada Luiz Cabral, ao mesmo tempo que transcrevemos extractos de uma conferência de imprensa dada pelo camarada Presidente em Banjul, antes do regresso.

Hoje, o enviado especial do «Nô Pintcha» à Gâmbia, que acompanhou a comitiva presiden-

cial, dá-nos a sua versão desse importante acontecimento e transcreve-nos as palavras dirigidas pelo camarada Luiz Cabral aos nossos compatriotas refugiados naquele país.

O camarada Luiz Cabral e comitiva foram recebidos no aeroporto de Yundum, à sua chegada à Gâmbia, pelo Presidente Dawda Jawara e comitiva, dirigiu-se ao Palácio Presidencial, no meio das aclamações da população que, à semelhança do que aconteceu à sua chegada ao aeroporto e ao longo do trajecto para a capital, manifestou a sua satisfação por receber no seu país os representantes de um país amigo.

Desde o aeroporto até Banjul, a capital, o Presidente Luiz Cabral foi carinhosamente saudado pelos populares que enchiam por completo as bermas da estrada: homens, mulheres e crianças, estas últimas vestindo os seus fati-nhos escolares e ostentando bandeirinhas dos nossos dois países e cartazes onde se podiam ler

Square, os dois Presidentes usaram da palavra, após o toque dos Hinos Nacionais e revista à guarda de honra. Fizeram-se ouvir 21 salvas de canhão, enquanto a banda musical da Gâmbia entoava cânticos em honra dos visitantes.

Retomando os seus lugares na tribuna de honra, os dois Presidentes usaram da palavra, para se referirem aos laços de amizade sempre existentes entre os nossos dois povos, manifestando desejos de reforçar esses laços no interesse dos nossos dois povos e Governos e no interesse da África. Os dois Presidentes formularam igualmente votos para que essa visita resulte num grande êxito.

Depois das cerimónias de boas-vindas, que terminaram com o toque dos Hinos Nacionais, a nossa delegação, sempre acompanhada pelo Presidente Dawda Jawara e comitiva, dirigiu-se ao Palácio Presidencial, no meio das aclamações da população que, à semelhança do que aconteceu à sua chegada ao aeroporto e ao longo do trajecto para a capital, manifestou a sua satisfação por receber no seu país os representantes de um país amigo.

Desde o aeroporto até Banjul, a capital, o Presidente Luiz Cabral foi carinhosamente saudado pelos populares que enchiam por completo as bermas da estrada: homens, mulheres e crianças, estas últimas vestindo os seus fati-nhos escolares e ostentando bandeirinhas dos nossos dois países e cartazes onde se podiam ler

LUIZ CABRAL AOS REFUGIADOS, NA GAMBIA

“AQUELES QUE TENTAREM FAZER NOVAMENTE A SERÃO COMPLETAMENTE ESMAGADOS PELO POVO”

Embora à margem do programa oficial, um dos momentos mais altos da visita do compatriotas que se refugiaram naquele país, durante os anos difíceis da guerra e hoje ali

Com a voz embargada pela comoção e interrompido frequentemente pelos aplausos a nossa luta de libertação e descreveu a nossa vida que hoje se constrói na nossa terra completa

Luiz Cabral convidou a regressar à Guiné-Bissau todos aqueles que o desejarem fazerem a sua contribuição nacional. Aqueles que preferirem permanecer na Gâmbia, continuarão dignos da nossa e do nosso propósito, o camarada Presidente deixou um importante aviso àqueles que, saudosos da dor, eles serão completamente esmagados pelo nosso povo.

«Aqueles que aqui ficam, devem reforçar cada vez mais a confiança que o Governo tem neles, devem trabalhar com honestidade a fim de ajudar que este país irmão também avance. Sabemos que aqui na Gâmbia se sentem como se estivessem no seu próprio país, mas sabemos, também, que terão ainda mais força se o seu país progredir. Que cada um tenha bem presente que se aqui vive é porque assim o deseja mas que é filho de um país independente que está a avançar cada dia para o caminho do progresso. Que cada ano que passa, quando tiver trabalhado aqui um pouco, regresse à nossa terra a fim de verificar a nova luta que agora travamos, para visitar o nosso povo em toda

a nossa terra a viver no bem-estar da liberdade. A nossa luta ainda continua e todos nós sabemos que ainda temos inimigos, sabemos que os colonialistas tinham do seu lado 17 000 africanos nossos irmãos e quase todos eles já regressaram às suas tabancas para trabalharem juntamente connosco na nossa terra. Mas há muita gente que estava habituada a viver do sangue do nosso povo e que se refugiou no Senegal à espera que os seus patrões de ontem, Spínola e outros, lhes enviem armas para fazerem a guerra novamente contra o nosso povo. E muitos deles tentam fazer sabotagens, entrando na nossa terra para lançar granadas e voltar outra vez para o Senegal.

Mas esses inimigos devem ter cuidado porque o nosso exército de hoje não é o de ontem. O exército de ontem foi capaz de os derrotar completamente e juntamente com os seus patrões «tugas» expulsando-os da nossa terra. Mas o exército de hoje é um dos mais modernos exércitos existentes na África, com tanques e armas das mais modernas do mundo. Mas ainda há mais. São os nossos alunos que aprenderam a ler no mato da nossa terra, sentados no chão e debaixo das árvores, que pilotam hoje os nossos aviões a jacto. Portanto, que estejam certos de que nós não receamos a guerra, e que não temos medo deles, nem dos que os podem ajudar a fazer guerra contra nós. Portanto,

(Continua na pág. 8)

A visita de Luiz Cabral à Gâmbia:

A independência da Guiné-Bissau é um exemplo histórico para a África

— Afirmou o Presidente Dawda Jawara

frases de boas-vindas a Luiz Cabral.

O cortejo presidencial muitas vezes teve de abrandar a marcha para corresponder de perto aos cumprimentos.

O programa do primeiro dia da visita seria preenchido com um encontro entre os dois Chefes de Estado, à tarde, cerca das 16 horas, e com uma recepção oferecida pelo Presidente Dawda Jawara e esposa, no Palácio Presidencial e onde o camarada Luiz Cabral foi cumprimentado pelos convidados, com quem teve oportunidade de conviver e trocar impressões.

O programa da visita prosseguiu na quinta-feira, cerca das 10 horas, com a visita à GPMB HPS, em Kanifing, importante fábrica de descasque e extracção de óleo de amendoim, principal fonte de riqueza da Gâmbia e cuja produção anual atinge cinco mil toneladas. A referida fábrica garante emprego a cerca de setecentas mulheres e alguns homens. Os nossos visitantes puderam contactar com os trabalha-

dores da fábrica e assistir a uma grandiosa manifestação cultural do povo, exibindo danças e entoando músicas tradicionais.

À tarde, o camarada Luiz Cabral visitou Brikama, cidade situada a cerca de 35 quilómetros da capital, onde foi recebido no meio de uma grande manifestação da parte do povo e das autoridades locais. Crianças das escolas vestindo as suas batas azuis e membros da juventude também saudaram o camarada Luiz Cabral, quando este se dirigiu para a tribuna de honra. Seguiu-se um importante comício.

O Presidente Dawda Jawara, após ter feito as apresentações, falou nos laços de amizade que sempre ligaram os nossos dois povos, tendo afirmado a certa altura, referindo-se à longa e dura luta de libertação levada a cabo pelo nosso povo, sob a orientação do nosso glorioso Partido, o PAIGC «A independência da Guiné-Bissau é um grande exemplo histórico para a África. Assim como aqui imperavam os ingleses, também na Gui-

né-Bissau dominavam os portugueses. Mas a dominação colonial foi idêntica, apenas diferindo na sua maneira de se impôr».

O Presidente da República da Gâmbia acrescentaria mais adiante, falando na determinação de um povo em conquistar a sua soberania: «O exemplo do PAIGC vem-nos mostrar que em todo o País onde haja ocupação estrangeira, cedo ou tarde, o povo acaba por conseguir a sua independência».

COMÍCIO EM BRIKAMA

O camarada Luiz Cabral, após saudar o camarada Dawda Jawara e esposa, os ministros e responsáveis do Partido e do Governo presentes, dirigiu-se ao povo de Brikama, «que quer que a vitória que nós conseguimos contra os colonialistas portugueses seja também vitória para o povo da Gâmbia». Falando nos laços fraternos que sempre ligaram os nossos dois povos e que sempre persistiram, apesar da dominação estrangeira que ambos sofreram, manifestou desejo de que esses laços sejam reforçados a nível dos dois Partidos e Estados.

«Desde que terminou a nossa luta armada, afirmou depois, surgiram factos na nossa vida que jamais esqueceremos. Um deles foi o dia em que tivemos a grande alegria de receber na nossa terra o dirigente do povo da Gâmbia, camarada Presidente Dawda Jawara. Tivemos oportunidade de o levar a várias regiões da nossa terra, a Gabú e Bafatá, onde constatámos que ele, sem aquela separação de língua inglesa e portuguesa que o colonialismo nos trouxe, falou para o nosso povo em mandinga e este ficou muito contente com isso. O mesmo povo não o tratou como a um estrangeiro. Tratou-o pelo seu próprio nome, e com aquele mesmo amor com que os militantes do seu partido, PPP, o tratam na sua própria terra. Portanto pensamos que podemos olhar para o futuro com confiança, pois as relações entre os nossos dois Governos e povos estão a melhorar cada dia. Hoje terminámos a guerra com os colonialistas. A Guiné-Bissau tem muita fama na opinião mundial por causa desta guerra, mas nós sabemos que a guerra não é uma coisa útil. Nenhum povo escolheu a guerra para se libertar, mas os colonialistas não nos deixaram outro caminho que não seja o da guerra para a conquista da nossa liberdade. Mas esse mesmo colonizador nunca pensava que o homem africano, que explorou durante

muito tempo, fosse capaz de pegar em armas para lutar e libertar completamente a sua terra da dominação colonial. Mas nós lutámos. Houve muitas dificuldades e é esta hoje a nossa responsabilidade. Muitas pessoas ficaram sem família, filhos da Guiné atravessaram a fronteira para procurar refúgio no Senegal na Gâmbia e na República da Guiné. Milhares e milhares de famílias se perderam, mas ninguém perdeu a coragem».

Mais adiante o camarada Luiz Cabral referiu a necessidade de os povos e Estados africanos se unirem «para podermos marchar juntos, como no tempo da luta».

Revelou também ao Presidente Jawara que «quando começámos a nossa luta com pistolas e com punhais passámos muitas vezes com material escondido, aqui na Gâmbia».

Terminou agradecendo ao povo da Gâmbia, ao seu Governo e em especial ao Presidente Dawda Jawara pela forma como receberam todos os nossos irmãos que durante os duros momentos de luta ali procuraram refúgio. Muitos deles podem hoje regressar ao nosso país «mas nunca devemos esquecer tudo quanto o povo e o Governo da Gâmbia fizeram por eles».

Ainda na quinta-feira, à noite, no Palácio da Presidência, o Presidente Dawda Jawara e esposa ofereceram um banquete à nossa delegação, durante o qual usaram da palavra os dois Presidentes, brindando, no final, pelo reforço de amizade entre os nossos dois países. O banquete, no qual participou cerca de uma centena de convidados, que aplaudiram largamente os discursos dos dois Presidentes, foi acompanhado de músicas tradicionais interpretadas por um grupo da Gâmbia. A visita do camarada Luiz Cabral àquele país irmão prosseguiu na sexta-feira com um cruzeiro no rio Gâmbia, a bordo do barco presidencial «Mansa Kila Ba», em direcção à Barra, uma localidade situada na outra margem do rio, a cerca de meia hora de viagem onde se realizou um grandioso «meeting».

EM BARRA

O camarada Presidente manifestou a sua satisfação por poder usar da palavra para agradecer em nome de toda a delegação a atenção de que foi alvo.

A certo passo, afirmou: «Agora, somos apontados por muitos irmãos nossos em África como um povo valente e corajoso. Mas podemos perguntar: Porque é que somos valentes e corajosos? Primeiro, porque o nosso inimigo, os colonialistas portugueses, não nos deixaram nenhum outro caminho que não fosse o da guerra, para conseguir libertar a nossa terra. Mas também o fomos porque muitos países da África nossos irmãos, que na altura já eram independentes, nos garantiam a nossa retaguarda nesta grande luta. E hoje queremos dizer bem claro que foi isso que o povo e Governo da Gâmbia fizeram, e que a nossa luta comum já terminou porque os

nossos países já se encontram livres. Da mesma forma que no tempo da luta o nosso povo vinha aqui refugiar-se para esperar que a guerra terminasse, hoje também queremos que os nossos irmãos da Gâmbia nos visitem para conhecerem a nossa terra, aquela terra que estava nas mãos dos colonialistas e que conseguimos conquistar com a nossa força e coragem para a colocar novamente nas mãos da África».

Salientando a necessidade de união entre os países do Continente Africano, para as tarefas da reconstrução nacional, o camarada Luiz Cabral disse:

«Para nós, em África, a unidade é a maior força. Por maior diferença que possa existir entre os nossos povos, essa diferença não se pode comparar com a que existe entre o nosso povo, com o seu direito de viver e de avançar, e os seus inimigos, os que querem continuar a explorar-nos, mantendo-nos na escravatura».

Após o comício, a comitiva deixou Barra em direcção à Ilha James, um local célebre pelo seu passado histórico, pois era nessa pequena ilha que os colonialistas guardavam os seus escravos, minando-lhes toda e qualquer tentativa de fuga. Por esse motivo a ilha tornou-se motivo de disputa entre ingleses e franceses, durante muitos anos da sua dominação naquele país africano. A ilha neste momento encontra-se desabitada mas continua a ser alvo da atenção de todos os turistas que por ali passam, porque é um símbolo da dura repressão que os filhos daquela terra sofreram com a dominação colonial.

Finda a volta à ilha, o paquete presidencial rumou para Banjul, tendo sido servido o almoço a bordo.

À tarde, cerca das 17 horas, realizou-se um grandioso espectáculo de danças tradicionais, no MacCarthy Square, onde se assistiu a um autêntico festival africano. Vários grupos ostentavam cartazes com dísticos, incluindo os comités dos nossos compatriotas radicados naquele país, que manifestaram a sua satisfação oferecendo vários presentes ao camarada Luiz Cabral e esposa.

Concluiu-se o programa desse dia com um jantar no Palácio do Governo, seguido de uma sessão cultural onde participaram o grupo musical de Maimuna Coyate, da região de Gabú e o grupo musical nacional da Gâmbia. No final, um grupo da Gâmbia apresentou um número de dança tradicional.

No sábado de manhã, e antes de se terem iniciado as cerimónias oficiais, o camarada Luiz Cabral teve uma reunião com os nossos refugiados, tendo-lhes falado da actual situação no nosso país e dos esforços que o nosso Partido e Estado estão a dispensar no sentido de levar a cabo esta grandiosa tarefa de reconstrução nacional, prometendo apoio a todos aqueles que desejam regressar ao nosso país para juntos trabalharmos na constru-

(Continua na página 8)

GUERRA NA NOSSA TERRA

camarada Luiz Cabral à Gâmbia foi o encontro com os nossos

continuam a viver.

a multidão, o camarada Presidente evocou os sacrifícios da

mente liberta.

salientando que há lugar para todos nas fileiras da reconstru-

stima, desde que não se lembrem de lutar contra nós. A este

inação branca, tentarem fazer de novo a guerra contra nós:

que vejam bem o que estão

a fazer. O nosso Partido e

Estado concedeu perdão a

todos aqueles que desejem

regressar ao nosso país a fim

de trabalharem juntamente

connosco. Mas aqueles que

tentam fazer novamente a

guerra na nossa terra serão

completamente esmagados. E

que não pensem que isso é

feito por uma pessoa ou

duas, mas sim pelo nosso

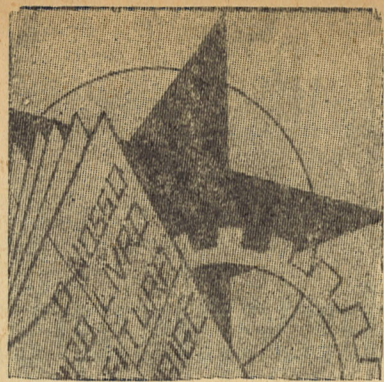
povo, jovens e velhos. Mes-

freu muito os efeitos da guerra, mas hoje desejamos que o nosso povo tenha paz para poder trabalhar e construir a nossa terra pouco a pouco. Acho que todo o filho sério da nossa terra, em qualquer país onde se encontra deve ajudar-nos a defender a paz na nossa terra, deve ajudar a pôr os filhos da nossa terra no bom caminho.

Aqueles grupos que ainda não se habituaram a viver sem ter atrás de si os colonialistas, é preciso fazer-lhes ver que já acabou a «hora dos brancos», para podermos unir-nos todos, como o camarada Cabral dizia, para nos unirmos num só e num só caminho, o caminho do PAIGC.

ANO I DE ORGANIZAÇÃO

PÁGINA SEMANAL DO COMISSARIADO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA



CONTOS E LENDAS DA NOSSA TERRA

“O espírito das crianças”

Certo professor tinha muitos alunos para ensinar, e entre eles os mais diversos caracteres e feitios. Ensinava muito bem, e a sua fama, paciência e resignação, espalharam-se pelo mundo fora.

Reunia à sua volta todas as crianças e dava as explicações que lhe pediam. Entre os alunos, destacavam-se pela sua especial psicologia um perguntador emérito e insatisfeito de espírito, e um malandro, vivão e falador. Todos os indivíduos das redondezas interpelavam o professor acerca do feitio dos rapazes, censurando-o pelo facto de os manter entre os outros bons alunos. O professor respondia sempre à letra, desculpando-se, dizendo que entre os bons deviam permanecer os maus. Contrabalançavam-se os feitios.

Em certo dia, no meio da lição, o perguntador fez uma chuva de perguntas ao professor e a todas ele respondeu. A dada altura, olhando para o tronco de lenha que ardia próximo, alimentando a fogueira onde os alunos se agrupavam à noite, nas horas das aulas, perguntou ao professor se ao deitar água sobre o tronco a arder o ruído característico do apagar do braseiro era produzido pelo tronco ou pela água.

O malandro, que estava ao lado na conversa, volta-se muito rápido e no meio dos rapazes dá uma grande bofetada ao perguntador. Este fica atônito, invectiva o safado e compele-o a declarar se era a sério ou a bincar.

Cruzam-se os olhares em tom de graça, e o malandro respondeu-lhe:

— «Foi para te poder perguntar se o estampido que se ouviu foi produzido pela tua cara ou pela minha mão»...

(CONTINUA)

As escolas e o trabalho produtivo — a escola ao campo —

O QUE É E QUE MEDIDAS EXIGE ESTE PLANO

Como o seu próprio nome indica é mudança da escola, isto é, estudantes, professores e restantes trabalhadores e alguns recursos didácticos, para o campo, onde em acampamentos preparados para o efeito, o curso escolar prosseguirá durante um período previamente determinado.

Ali os estudantes trabalharão nos planos de apanha e cultura dos produtos agrícolas e conjugarão estas actividades de produção com as de educação física e desportos, arte e recreio e, algumas actividades docentes, como sejam o português, história de África e Matemática e, colaboração nos trabalhos de alfabetização da região onde se encontrar o acampamento.

A execução deste plano exigirá um extraordinário esforço organizativo, se se considerar o que significa a mobilização de algumas centenas de alunos e professores, na criação de condições adequadas de segurança e higiene mínimas, para a sua mudança e permanência nos acampamentos.

Só a aplicação correcta dos princípios do Partido, poderá tornar possível o êxito deste plano, desde as suas etapas preparatórias, até ao regresso dos alunos, pessoal docente e não docente de novo à escola.

O trabalho coordenado dos Comissariados de Estado da Educação, Agricultura, das FARP, da JAAC, da Organização de Mulheres do

Partido, dos comandos das Regiões e dos Sectores, será a garantia de que o plano «Escola ao Campo», será um dos grandes êxitos da nossa Organização Escolar.

Entre outras coisas, para podermos levar a efeito um plano deste tipo, teríamos que desde já nos debruçarmos sobre três aspectos fundamentais:

1.º — Realizar a tarefa de divulgação do plano, seus objectivos e actividades, realizando reuniões com os alunos e seus pais, a fim de que tenham uma clara consciência da importância do mesmo e, dos benefícios que ele trará à educação dos jovens e à economia do País;

2.º — Visitar previamente o local onde ficará colocada a escola, constituir comissões de professores, alunos e pais que criem as condições necessárias de habitabilidade e higiene dos acampamentos e, conheçam o tipo de trabalho a realizar, local onde se realizará, de tudo dando conhecimento aos alunos e seus pais, com o propósito, essencialmente de que saibam o que há a fazer e da sua importância.

3.º — Organizar previamente os regulamentos de cada acampamento e sua direcção, bem como programar, em linhas gerais, as actividades culturais, desportivas, recreativas, docentes, etc., que complementarão as do trabalho produtivo.

● Próximo número:

Organização e vida nos acampamentos

A nossa cultura nova, dentro ou fora da Escola, temos que pô-la ao serviço da nossa resistência, ao serviço do cumprimento do programa do Partido. Tem que ser assim, camaradas. A nossa cultura deve desenvolver-se ao nível nacional, da nossa terra. Mas sem desprezar, nem considerar menos, e com inteligência, aproveitando da cultura dos outros tudo quanto é bom para nós, tudo quanto pode ser adaptado às nossas condições de vida.

A. CABRAL

A alfabetização e o seu processo evolutivo

Todos nós sabemos que um processo de aprendizagem implica um começo os meios para a sua solidificação, e um fim determinado. Iniciar um processo de aprendizagem, utilizando a forma mais eficaz para o fazer é aí que reside a tarefa mais morosa, se tomarmos em conta todos os aspectos do meio, da realidade que nos circunda, tanto a nível económico como político, social e cultural.

Naturalmente que não desconhecemos a fase difícil de um país recém-nascido na independência na libertação total, rumo à Reconstrução Nacional, portadora da paz e do progresso do seu Povo.

Desligar a realidade do povo do seu processo de aprendizagem; desligar as tradições e factores culturais do povo, processo de aprendizagem de uma língua que é sua, seria conduzir ao fracasso mais uma batalha a vencer no seio desse próprio povo.

Tanto a Guiné como Cabo-Verde terão de se engajar num veículo portador da vitória contra o analfabetismo, produto de tantos anos de obscurantismo trazido pela c-pressão colonialista.

Para liquidar o analfabetismo na nossa terra não basta nem é suficiente ter encontrado a forma mais adequada para o fazer, mas saber garantí-la, enriquecendo-a todos os dias daquilo que é a cultura popular na vida de um povo que foi e é motor da sua própria história. Alfabetizar é ensinar a ler e a escrever a história, a vida de quem aprende, é aprender a construir o mundo, objectivá-lo na palavra escrita.

É comunicar, conhecer, é praticar a vida de um povo, a vida dos povos.

Esta tarefa de uma amplitude sem limites está materializada nas diversas fases que assume um processo de Alfabetização:

Primeiramente dar a conhecer a língua em que se quer alfabetizar, através de uma «Cartilha» (conjunto de palavras necessárias para que o alfabetizando tome contacto com as combinações mínimas ortográficas da língua a aprender), tomando toda ela um conteúdo vocabular estritamente ligado à vivência do (s) alfabetizando (s). Daí se supõe todo um trabalho de diálogo crítico e criador à volta de cada palavra escolhida — palavra geradora — que o grupo de alfabetizandos assumirá, assumirá orientado pelo alfabetizador ou coordenador desse mesmo grupo.

Paralelamente a este diálogo haverá a configuração escrita da palavra discutida, e respectiva aprendizagem que, por si mesma, gera

outras palavras a serem descobertas ao longo de um trabalho colectivo de criação.

Esta 1.ª fase que vimos exposto aqui não poderá só por si, ser o todo do processo de Alfabetização. Quer dizer, não ensinar a ler e a escrever o essencial para depois abandonarmos o grupo em vias de ser alfabetizado. De contrário, poderíamos seguramente dizer que em 2 meses alfabetizámos 15 a 20 pessoas. A Alfabetização não está reduzida a tão pouco. Ela é muito mais do que isso. Ela é também pós-alfabetização, ou seja a solidificação no alfabetizando da 1.ª fase da aprendizagem. Sem a sua prática constante, viríamos retroceder esse processo até ao seu ponto de partida.

Como continuar então?

Quem melhor do que o nosso povo sabe o que foi o colonialismo, o que foi a luta de libertação Nacional? Quem melhor do que o nosso povo soube quem foi e quem é o fundador da nossa nacionalidade? O que foi e o que é a sua história, a história da sua terra?

Aí reside pois, o fundamental da pós-alfabetização. Saber dizer e saber escrever a sua história; reconhecer na enxada um instrumento de produção, que, ligado ao meio produtivo, poderá transformar-se no aceleramento do processo da Reconstrução Nacional; reconhecer no arroz, na mancarra, na mandioca, reconhecer na sua produção, reconhecer na lavoura ou na Fábrica as fontes de riqueza da sua terra ao serviço de todos.

(CONTINUA)

Formação de professores

...Vindos de vários meios e origens, os alunos chegam à escola cheios de vícios de linguagem, alguns até mal sabendo pronunciar palavras ou construir frases com quatro ou cinco palavras. Mas não é raro verificar que o defeito se mantém (devido a prática de outras línguas, em particular o crioulo) e que muitos alunos se apresentam ao exame «com conhecimentos», mas tímidos, quase incapazes de mostrar o que sabem.

Esta grande realidade deve ser tomada em conta por todos os professores de ensino. Pois as lições de linguagem e, em particular, as de dicção, estão na base de toda a formação e contribuem, para que se efectue um mais perfeito contacto social.

E em nossa opinião o aluno que se apresenta no exame a exprimir-se correctamente, percebendo o que se lhe diz e dizendo o que pensa e quer, dá ao júri o melhor motivo, razão forte que não pode ser desprezada, para a desejada aprovação. Pelo contrário, aquele que não sabe exprimir-se ou o faz incorrectamente, embora saiba de cor a História, Geografia..., as mil e uma noções dos livros, esse não pode merecer aquela classificação que lhe permitirá a sua entrada e o seu lugar na sociedade, para uma defesa e interesse pátrio que não estão muito para além de um saber meramente teórico. (Continua no próximo número.)

Organização escolar

Mapa estatístico trimestral

Até ao fim da próxima semana todos os camaradas directores das escolas, delegados de sector e de região, deverão remeter para os Serviços de Estatística do nosso Comissariado o «Mapa estatístico trimestral».

Neste mapa deverá registar-se as matrículas do início do ano escolar, alunos que vieram de outras escolas do país, alunos que se matricularam pela primeira vez no nosso ensino, alunos

que deixaram de estudar por motivos de saúde, alunos que foram para outras escolas e todos os motivos que fizeram alterar o mapa estatístico inicial.

Portanto, o mapa estatístico trimestral, que deverá ser preenchido em quadruplicado, terá como objectivo o seguinte: informação anterior + total de aumentos — baixas = total da matrícula actual.

OS RACISTAS AGRIDEM MOÇAMBIQUE

MAPUTO (TASS) — Samora Machel, Presidente da República Popular de Moçambique, acusou ontem o regime da Rodésia de organizar uma guerra de agressão contra Moçambique. O Presidente anunciou o fecho das fronteiras com a Rodésia e a ruptura de todas as relações com este último, incluindo os transportes.

Samora Machel, que falava durante uma conferência de imprensa, declarou que a República estava pronta a repelir a agressão do regime racista da Rodésia.

Na véspera, as forças armadas da Rodésia tinham, por mais de uma vez, violado as fronteiras do Estado de Moçambique e empreendido outros actos de agressão visando este Estado soberano de África.



Levar até ao fim a segunda guerra de libertação

O povo angolano levará até ao fim a luta pela libertação do seu país

BRAZZAVILLE (TASS) — «O povo angolano está firmemente decidido a levar até ao fim a luta pela libertação do seu país», declarou Agostinho Neto, Presidente da República Popular de Angola, falando no decorrer de um grande «meeting» da população da capital congoleza. «Após a conquista da sua independência, sublinhou, o povo angolano deve levar a cabo uma luta enérgica em todas as frentes, contra as forças unificadas do imperialismo internacional, dos racistas sul-africanos e da reacção interna, que procuram de todas as formas fazê-lo desviar da via que escolheu».

«A solidariedade internacional desempenha um papel excepcionalmente importante na boa marcha da nossa luta», declarou Agostinho Neto. «Temos tido uma ajuda e um apoio consideráveis da União Soviética e de outros países socialistas, de numerosos países africanos».

«Actualmente, o nosso país inteiro, excepção feita a um pequeno território ocupado pelas tropas do regime racista da África do Sul e dos fantoches da FNLA e da UNITA, é controlado».

PORTUGAL

Comandante da Força Aérea ataca a esquerda militar

LISBOA (A.F.P.) — O texto do discurso pronunciado na sexta-feira na Base Aérea da OTA, pelo general Morais e Silva, chefe de estado-maior da Força Aérea, é que contém severas críticas ao major Melo Antunes e implicitamente, através dele, à esquerda militar progressista, foi distribuído em todas as unidades militares, soube-se de fonte geralmente bem informada.

O jornal conservador «O Dia» e o diário do Porto «O Primeiro de

Janeiro», são os únicos a publicar este texto que, pensa-se, não levanta ter sido divulgado ao público, antes de ser analisado nas unidades militares.

A publicação do discurso do general Morais e Silva na imprensa, vem reforçar a ofensiva lançada, pela direita contra o major Melo Antunes e os seus amigos da esquerda militar, assim como contra

CONGRESSO DO P.C.U.S.

As grandes opções da economia da União Soviética em debate

MOSCOVO (TASS) — O 25.º Congresso do PCUS (Partido Comunista da União Soviética) retomou ontem de manhã os seus trabalhos. Os delegados discutiram o relatório «Grandes opções da economia nacional da URSS para 1976-1980», apresentado por Alexei Kossyguine, Presidente do Conselho dos Ministros da URSS.

Grigori Romanov, membro suplente do Bureau Político do CC do PCUS, presidiu à sessão.

E.U.A. LEVANTAM EMBARGO

WASHINGTON (TASS) — O Departamento de Estado dos Estados Unidos, anunciou o levantamento do embargo sobre a entrega de dois aviões «boeing» à República Popular de Angola.

Quanto ao reconhecimento diplomático da RPA, o porta-voz de Estado disse, entretanto, que a posição dos Estados Unidos não se tinha modificado.

EMBAIXADOR DA U.R.S.S. EM ANGOLA

MOSCOVO (A.F.P.) — Foi nomeado o primeiro embaixador soviético na República Popular de Angola, anuncia a agência Tass.

Trata-se de Boris Vorobiev, antigo embaixador na Nigéria, que nasceu em 1923. Entrou para a carreira diplomática em 1952, acrescenta a agência. Vorobiev foi conselheiro e encarregado de negócios no Ghana de 1963 a 1968, depois foi embaixador na Nigéria de 1970 a 1974.

Ocupou cargos de responsabilidade no ministério soviético dos Negócios Estrangeiros em 1968 e 1974, acrescenta a Tass.

A ZÂMBIA NÃO É CONTRA O M.P.L.A.

BELGRADO (A.F.P.) — O ministro zambiano dos Negócios Estrangeiros, Rupiah Banda, declarou em Belgrado que a Zâmbia «não é e nem nunca foi contra o MPLA, que é nosso aliado natural».

Durante o jantar oferecido por Milos Minic, seu homólogo jugoslavo, Banda acusou a «imprensa internacional imperialista» de ter deformado, tendenciosamente, a posição zambiana.

VISITA DE MUSSA TRAORÉ À REPÚBLICA DA GUINÉ

DAKAR (A.F.P.) — A Guiné e o Mali decidiram intensificar a sua cooperação bilateral em «todos os domínios», declarou a Rádio-Conakry, captada em Dakar, no final de uma visita de 24 horas efectuada à Guiné, pelo coronel Moussa Traoré, chefe de estado maliano.

Segundo a rádio, os dois países estão empenhados em levar a cabo uma luta «implacável» pela libertação total e definitiva de África, apoiando «portanto, no mundo, as lutas de libertação dos povos, e condenando sem reservas o imperialismo e o colonialismo».

O chefe de estado maliano, que visitou, no decorrer da sua estadia na Guiné, as cidades industriais de Kamsar e de Boké, a cem quilómetros de Conakry, e que conversou durante quatro horas com Ahmed Seku Turé, Presidente da República da Guiné, deixou na terça-feira Conakry.

Numa mensagem dirigida ao chefe de estado guineense, à partida de Conakry, o coronel Moussa Traoré declarou-se convencido que a Guiné e o Mali, «países irmãos, marcharão sempre lado a lado e de mão dada» e que a cooperação entre os dois países, reforça-se, em vez de diminuir.

A SAÚDE EM CUBA

HAVANA (TASS) — Prossegue em Cuba nova campanha de vacinação de crianças, contra a poliomielite. Inicialmente, serão vacinadas crianças de 1 mês a 4 anos.

Antes da Revolução, esta doença ceifava todos os anos centenas de vidas humanas e deixava inválidas numerosas crianças. Actualmente está eliminada em Cuba.

A difteria, a malária, a tuberculose e outras doenças quase desapareceram. Formaram-se no decorrer destes anos, milhares de médicos, auxiliares de médicos e enfermeiros. Construíram-se centenas de hospitais, policlínicas e maternidades. De ano para ano, o governo aumenta os créditos à saúde pública. No ano passado, foram multiplicados 20 vezes, em relação ao período de antes da Revolução, e atingiram 400 milhões de pesos.

ARAFAT RECEBE ENVIADO DE WALDHEIM

DAMASCO (A.P.S.) — O enviado especial de Kurt Waldheim no Médio-Oriente, Roberto Guyer, Secretário-Geral-Adjunto das Nações Unidas, conversou durante duas horas, no sábado à tarde em Damasco, com Yasser Arafat, Presidente do Comité Executivo da Organização de Libertação da Palestina (CEOLP).

Estas conversações, anunciou o porta-voz palestino, incidiram sobre a situação no Médio-Oriente e sobre a evolução da questão palestina no plano internacional. A acção dos organismos das Nações Unidas a respeito destas questões foi igualmente evocada, precisou.

O.U.A.

Terminou o conselho de ministros

ADDIS_ABEBA (TASS) — A OUA denunciou energeticamente a agressão da República da África do Sul contra a RPA e exigiu a retirada imediata e incondicional das tropas sul-africanas do território deste estado soberano. A resolução, adaptada na 26.ª sessão do Conselho dos Ministros da OUA que terminou em Addis-Ábeba, contém um apelo a todos os países membros da OUA para ajudar a RPA a defender a sua independência, sua integridade territorial e sua soberania nacional.

O.U.A. RECONHECE O DIREITO À INDEPENDÊNCIA DO POVO SAHARIANO

A presidência do Conselho dos Ministros da OUA, interpretando o consenso geral no termo dos trabalhos da 26.ª sessão, fez a seguinte declaração:

O povo do Sahara Ocidental tem o direito à autodeterminação como todo o povo que alcançou a sua independência e sua libertação».

Esta petição foi fortemente apoiada durante a conferência pelos seguintes países:

Argélia, Angola, Benim, Burundi, Congo, Comores, Cabo Verde, Etiópia, Ghana, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Alto-Volta, Líbia, Madagáscar, Mali, Moçambique, Nigéria, São Tomé e Príncipe, Somália, Tanzânia, Tchad e Togo.

No que respeita à República Árabe Sahariana Democrática, a presidência do Conselho estima que: «a questão do reconhecimento de um estado soberano e independente é um acto de soberania que será exercido individualmente por cada um dos estados membros da OUA e a assembleia da Comunidade Internacional».

Mulheres do P. A. I. G. C. em Angola

Em representação das Mulheres do PAIGC, partiram na terça-feira de Bissau, com destino à República Popular de Angola, as camaradas Ana Maria Cabral e Henriqueta Godinho Gomes, chefe do gabinete do Comissário Principal, que vão participar nas comemorações do 8 de Março em Luanda, a convite da Organização da Mulher Angolana (O.M.A.).

LUIZ CABRAL

(Continuação das centrais)

ção de uma Pátria próspera.

Em seguida o camarada Luiz Cabral concedeu uma conferência de Imprensa, onde respondeu a várias perguntas relacionadas com as relações comerciais entre os nossos dois países, com as tarefas de reconstrução nacional no nosso país, com os problemas de ocupação da Namíbia pela África do Sul e com os preparativos para a reunificação da Guiné-Bissau com as Ilhas de Cabo Verde.

Seguiu-se a assinatura do comunicado final que reproduzimos no número anterior.

O Presidente Luiz Cabral e respectiva delegação dirigiu-se depois para o aeroporto, a fim de tomar o avião de regresso ao nosso país. A partida efectuou-se depois das cerimónias oficiais de despedida, não sem que, pelo caminho, a população manifestasse uma vez mais o seu regozijo pela visita do camarada Presidente e pelas perspectivas de reforço de amizade e cooperação entre os dois países que dela resultaram.

PORTUGAL

(Continuação da página 7)

o general Costa Gomes. O reconhecimento da República Popular de Angola é o elemento que serviu de pretexto à ofensiva da direita e é precisamente sobre este ponto que o chefe do estado-maior da Força Aérea inicia contra o major Melo Antunes uma polémica que parece ultrapassar o simples caso de Angola, para se estender a um plano político mais geral.

Melo Antunes, ministro português dos Negócios Estrangeiros, partiu de Lisboa à cabeça de uma delegação, para uma visita oficial de quatro dias ao Irão. No regresso, Melo Antunes, fará uma breve escala em Atenas, onde terá conversações com o seu homólogo grego Dimitrios Bitsios.

Em Teerão, será recebido, nomeadamente, pelo Xá do Irão e pelo ministro dos Negócios Estrangeiros iraniano, Kaalatbary.

A sua partida de Lisboa, o ministro português dos Negócios Estrangeiros declarou que a sua viagem se inclui no quadro da política externa de Portugal, de abertura para todas as regiões do mundo, e especialmente para o Médio Oriente. «Esta política permite-nos diversificar as nossas relações internacionais e consolidar a nossa independência económica, e política», acrescentou.

Como foi proclamada pela Frente Polisário a República Árabe Sahariana Democrática

PARIS (APS) — Num artigo do seu enviado especial a Bir Lahlou, o diário francês «Le Monde» descreve as circunstâncias nas quais se fez a proclamação da República Árabe saharoui.

O correspondente escreveu nomeadamente:

«Os correspondentes da Imprensa internacional acreditados em Argel, os enviados especiais dos jornais franceses que «cobriram» a visita de Mitterrand a Argélia, e os jornalistas argelinos, tinham sido informados na sexta-feira, pouco antes do meio-dia, que um avião especial «os conduziria ao sul para um acontecimento importante».

«Chegados a Tindouf às 18 horas, nós fomos conduzidos pouco depois ao pequeno hospital da cidade para vermos duas dezenas de feridos saharouis que acabavam de ser transportados. O espectáculo era insustentável: crianças e mulheres horrivelmente mutiladas e queimadas pelo «napalm». Aqui, um rapaz de oito anos chora, o braço amputado, ao lado, um outro de três anos de idade, grita de dor: a pele queimada deixa aparacer uma parte da caixa craniana. Mais longe, duas mulheres... Uma delas, o ombro posto ao vivo pelo «napalm», encontra forças para contar o que se passou: desde 22 de Fevereiro, os aviões marroquinos atacaram sistematicamente os campos de refugiados na região Guelta-Zemmour e Oum Dreiga. Eles começaram por lançar «napalm» para obrigar as pessoas a fugirem, depois metralhavam. O médico-chefe do hospital mostra as chagas purulentas que acabam de ser desinfectadas, e explica: «isto é devido ao facto de que os feridos se encontravam a mais de mil quilómetros daqui. Eles não puderam receber os primeiros cuidados antes da sua chegada a Tindouf, três ou quatro dias depois dos bombardeamentos».

«Às 21 horas, um longo cortejo de Land-Rover e de Toyota tomou forma em direcção ao Sahara Ocidental. Depois de ter andado durante mais de duas horas, atravessamos um grande acampamento e bruscamente... algumas três mil mulheres e crianças formavam um largo círculo à volta de um mastro ao pé do qual uma unidade de guerrilheiros apresentava as honras enquanto a bandeira da Frente Polisário era içada... Ao lado, tendas de honra decoradas com as cores da Polisário».

«Às 0 horas, Ould Ziou, Presidente do Conselho Nacional Provisório Sahariano, rodeado de quarenta membros desta Assembleia, e Mahjoub Laroussi, Secretário-Geral Adjunto da Frente Polisário que se rodeava de outros dirigentes, avançou para o meio do círculo para ler em árabe, com solenidade, a proclamação de independência. Cada frase era, em seguida, traduzida em francês e em espanhol. Mulheres lançavam vivas. Todo o

mundo canta o hino sahariano. Enquanto as armas são levantadas à guisa de fogo de artifício e rajadas de metralhadoras são atiradas, como nas fantasias. Reinava uma atmosfera de festa».

[...] Às 3 horas da manhã, as crianças regressaram às tendas. Os guerrilheiros mergulham no deserto, enquanto que nós retomamos a direcção de Tindouf. A festa terá durado três horas, a guerra retoma os seus direitos».

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA DO SECRETÁRIO-GERAL DA FRENTE POLISÁRIO

A seguir à proclamação oficial da RASD, perto de Bir Lahlou, nos territórios libertados, Lamine Amine El Ouali, Secretário-Geral da F. Polisário, deu uma conferência de Imprensa aos representantes da Imprensa internacional.

«Nós estamos, declarou nomeadamente El Ouali, profundamente contentes, por termos vivido o bastante para vermos realizar-se um dos objectivos do nosso povo».

«Os nossos vizinhos, disse ele, mostraram a sua incapacidade de nos vencer militarmente, e eles tentaram vingar-se sobre o nosso

povo», antes de acrescentar que os jornalistas presentes na proclamação da RASD, tinham



constatado, à tarde no hospital de Tindouf, a inqualificável selvageria de que deram prova as forças de invasão monárquicas. Com efeito, os jornalistas puderam constatar as feridas graves, nomeadamente de «napalm», infligidas às mulheres, crianças e velhos, refugiados saharianos que chegaram na tarde de sexta-feira, 28 de Fevereiro.

«Nós estamos prontos, sublinhou El Ouali, a lutar durante várias gerações, pois o rei tem a intenção de prolongar a guerra».

SAMORA MACHEL

CONTRA OS RACISTAS! DEFENDER A PÁTRIA

JOANESBURGO (A.F.P.) — Existe já o estado de guerra, desde ontem de manhã, entre Moçambique e a Rodésia.

Esta conclusão impõe-se devido ao fecho imediato das fronteiras, decretado pelo Presidente Samora Machel, e ao apelo dirigido à nação moçambicana pelo Chefe de Estado para «defender a pátria contra os ataques vindos da Rodésia», assim como dos preparativos de defesa em curso, no território moçambicano e da confiscação de todos os bens pertencentes, neste país, a cidadãos rodesianos e a firmas, ou serviços dependentes de Salisbúria.

O Presidente Samora Machel fez, por outro lado, um apelo à ajuda dos países africanos membros da OUA e à solidariedade dos aliados naturais da África.

Pedindo aos seus concidadãos que se preparem para a guerra — e convidando-os, concretamente, a construírem imediatamente abrigos anti-aéreos em todo o território—o Presidente Machel justificou estas decisões com a denúncia de «ataques aéreos e de artilharia» que foram lançados a 23 e 24 de Fevereiro último, pelas forças rodesianas, contra a pequena aldeia fronteiriça de Pafuri, situada na margem norte do rio Limpopo, na

junção das fronteiras da Rodésia, África do Sul e Moçambique, muito próxima do Kruger Park, a célebre reserva de caça sul-africana, a leste do Transval.

AFRICARE

(Continuação das páginas centrais)

cionamento de instituições de seguros e resseguros e assegurar-lhes uma assistência técnica ao mesmo tempo que promoverá contactos entre essas instituições e, igualmente, com organismos internacionais do ramo.

«A assinatura do acordo para a criação da «AFRICARE» resultou da tomada de consciência da importância do papel que os seguros e os resseguros têm a desempenhar na mobilização dos vastos recursos financeiros que o desenvolvimento económico exige e, além disso, do reconhecimento da necessidade de investir os fundos dos seguros e resseguros em África, a fim de que eles se tornem um factor de aceleração do desenvolvimento económico.

A criação da «AFRICARE» foi mais um passo dado no sentido da unidade e solidariedade africanas.

ZÂMBIA AO LADO DE MOÇAMBIQUE

LUSAKA (AFP) — «Nós estamos ao lado de Moçambique», declarou o Presidente Kenneht Kaunda da Zâmbia, durante uma alocução, no decorrer da qual, demonstrou o apoio da Zâmbia à decisão de Moçambique em fechar as suas fronteiras com a Rodésia.

«A causa de Moçambique é a causa da Zâmbia, um ataque contra Moçambique é um ataque contra a Zâmbia», disse ainda o Presidente.

FALAM OS RACISTAS

SALISBÚRIA (AFP) — «Moçambique não declarou guerra à Rodésia, e não temos nada a recear deste país, na medida que ele não cometeu nenhuma agressão nem alberga «terroristas», indicou o ministro rodesiano da Defesa e dos Negócios Estrangeiros, Piet Van Der Bil.

O ministro rodesiano fez esta declaração numa intervenção televisada, depois da decisão de Moçambique de fechar as suas fronteiras com a Rodésia, de confiscar os bens rodesianos no seu território, e de declarar o «estado de guerra» contra a Rodésia.

E.U.A. «ATENTOSOS»...

WASHINGTON (AFP) — «A situação na África Austral inquietava o Presidente Ford, que segue de muito perto a sua evolução», declarou o porta-voz da Casa Branca, Ronald Nessen.

PORTUGAL: FASCISTAS VOLTAM!

LISBOA (AFP) — Regressou a Portugal Sanches Osório, Secretário-Geral do Partido Democrático Cristão, que tinha fugido de Portugal, após a tentativa de golpe de estado spinolista de 11 de Março.

X TAÇA DE ÁFRICA: EGÍPTO E GUINÉ GANHARAM

ADDIS-ABEBA (AFP) — Para a Taça de África, em futebol, o Egito bateu o Uganda por 2-1 (os golos do Egito foram obtidos por Mustapha Abou aos 25 minutos e Basri, ao 32. O golo do Uganda foi obtido aos 21 minutos por Obua.

Por outro lado, a Guiné bateu a Etiópia por 2-1.

Golos: pela Guiné marcaram N'Jolea, aos 16 e Peti Sory, aos 86. Pela Etiópia marcou Solomon, aos 39.

Após a vitória do Egito sobre o Uganda por 2-1 e a da Guiné sobre a Etiópia também por 2-1, a classificação da Taça de África das Nações, grupo A, é a seguinte:

1.º Egito e Guiné; 3.º Etiópia e 4.º Uganda.